

Hanan Al-Shaykh

**GENTE,
ISSO É
LONDRES**

Tradução de Jemima Alves

Tabla

Nota da tradutora

Primeira obra de Hanan Al-Shaykh publicada no Brasil, este romance resultou da experiência de mais de trinta anos da autora libanesa como imigrante na capital britânica. Ainda que não seja o mais reconhecido de sua numerosa produção, escrita em árabe e em inglês, este livro mostra a destreza e a maturidade intelectual de Al-Shaykh, que descende da longa tradição de escritoras árabes a exercerem seu papel social por meio da narrativa engajada, apresentando suas demandas e tecendo críticas aos mais diversos setores da sociedade, tanto a dos países árabes como a dos países ocidentais.

Gente, isso é Londres, considerada pela crítica uma obra pertencente ao gênero pós-colonial, desvela a personalidade provocativa de Al-Shaykh por meio de seus protagonistas: Lamís (iraquiana), Amira (marroquina), Samir (libanês) e Nicholas (britânico), vozes que, segundo a autora, enunciam suas opiniões sobre a sociedade britânica e sobre os árabes que nela vivem. Assim, esses personagens criam uma atmosfera multifacetada resultado do processo de imigração e do encontro de alteridades no país estrangeiro.

Por se tratar de uma narrativa que enfatiza a multiculturalidade guardada no “ser árabe”, os diálogos são registrados

em três diferentes dialetos, a depender da origem do personagem ou do prestígio conferido a determinado dialeto na comunidade em que ele está inserido. Dessa maneira, embora Amira seja oriunda do Marrocos, ela opta pela utilização do dialeto egípcio, justificando sua preferência. Não obstante a relevância desses falares no contexto do romance, tal riqueza infelizmente se perde quando a traduzimos para a nossa língua. A fim de que o fenômeno seja, em alguma medida, marcado no texto de chegada, fiz uso, nos diálogos, de um discurso mais coloquial do português brasileiro, bem como, para sustentar a proximidade com o texto árabe, preservei todas as falas registradas em inglês.

Dada a sacralidade atribuída à língua árabe pela religião muçulmana, decidi reproduzir as expressões religiosas, uma vez que, não importa o idioma falado pelo crente muçulmano, elas sempre serão enunciadas em árabe. Assim, há, no fim deste volume, um glossário que contempla tais expressões, além dos vocábulos da cultura árabe que optei por manter.

Embora, à primeira vista, a narrativa possa parecer simples a um leitor menos atento, a autora tece, nos diálogos e descrições aparentemente comezinhos, críticas sociais e políticas que exigem certo domínio das relações Oriente-Occidente para serem reconhecidas. Foram mantidas também imagens da cultura árabe por meio da reprodução de provérbios que talvez causem algum estranhamento. Todavia, considero interessante propiciar ao leitor brasileiro, que tão pouco conhece os povos árabes, a experiência de ser levado às margens dessa cultura.

Prólogo	II
Capítulo um	19
Capítulo dois	79
Capítulo três	135
Capítulo quatro	169
Capítulo cinco	211
Capítulo seis	247
Capítulo sete	277
Capítulo oito	309
Capítulo nove	335
Epílogo	369
Agradecimentos	381
Glossário	383

*Para Tarek e Juman Malouf,
e para Londres*

PRÓLOGO

— Ai de mim! Ai de mim! Me ajuda, Deus! — gritava Amira, enquanto o avião subia e descia feito um ioiô. Suas súplicas quase encobriam os rogos dos outros passageiros, que também clamavam: — *Allahu akbar! Allahu akbar!*

— Meu filho, como fui deixar meu filho?! — lamentava Lamís, a passageira sentada ao lado de Amira, que, com os gritos contínuos e a turbulência, sentia o coração disparar. Só depois, à medida que a aeronave estabilizava, ela se deu conta: — Cadê a minha bolsa? Cadê o meu passaporte?

Um passageiro inglês correu para ajudar a aeromoça a se levantar. A algazarra que Amira fazia impedia que os outros passageiros pudessem voltar ao normal, transformando todos em radares capazes de captar qualquer tremor, imaginário ou não, principalmente porque haviam caído em si: estavam dentro de uma caixa de lata voadora, com duas asas artificiais, que vagava pelo espaço aéreo entre as nuvens e o desconhecido.

Amira vociferava e enxotava todos que tentavam acalmá-la. Brandia os punhos na cara deles. Seus dedos pareciam peixinhos com anéis reluzentes ao redor do pescoço e cauda colorida. O rosto largo de Amira lembrava o para-lama de um velho Oldsmobile, com a maquiagem carregada, o chamativo

vermelho dos lábios e os enormes óculos de armação dourada que adornavam seus olhos.

Ela levantou o traseiro, mais parecido com uma mesinha sobre a qual seria possível colocar um cinzeiro ou um copo, querendo escapar do avião de uma vez por todas. Gritava, chorava e não ouvia nenhuma das palavras tranquilizadoras, fosse de Lamís, que estava ao seu lado, ou do homem do Golfo, que ela havia conhecido no aeroporto de Dubai e que lhe dizia:

— Não tenha medo, a vida pertence a Deus, Senhor dos Céus e da Terra.

Também não deu ouvidos ao passageiro inglês sentado em paralelo a ela, na fileira ao lado, e nem sequer ao próprio comandante do avião, que, deixando a cabine, caminhou entre os passageiros acalmando-os, como se fosse um agricultor inspecionando sua plantação.

— Não chore, está tudo bem, a turbulência passou e não acontecerá de novo — em tom sincero e amistoso, Nicholas, o inglês, repetia essa frase ao ouvido de Amira, esperando que, talvez, ela o escutasse e abrisse os olhos.

— Ai de mim, ai de mim! Deus, me proteja! Me perdoe, meu Deus, não me condene, não me castigue!

Assim que o avião estabilizou, Amira começou a contar dólares, colocando cada maço dentro de um envelope.

— Foi só uma turbulência — disse Nicholas. A frase fez Amira lembrar o que acontecera e, ao ver-se novamente na iminência de cair, sua agitação aumentou.

Nicholas olhava para Lamís, que mantinha a composição. Ele ergueu as sobrancelhas e cerrou os lábios, como quem admite o fracasso em ajudar a passageira que estava ao seu lado.

Por dentro, no entanto, Lamís fervia de pavor. Seu valioso passaporte continuava desaparecido, muito embora a aeromoça, mais de uma vez, tivesse anunciado o sumiço. Passados alguns minutos, Nicholas, ao encontrar o precioso documento de Lamís no chão, entregou-o à dona, que agradeceu como se ele tivesse lhe restituído sua própria vida. Por mais tempo até do que desejava, o inglês deteve-se a olhar aquele rosto, enquanto pensava nas mulheres devadasis — nuas, no silêncio dos templos em Khajuraho, na Índia, que ele visitara havia dois dias. Elas exalavam sedução, com os cabelos soltos e a cabeça inclinada para trás, exibindo aqueles seios empinados em corpos exuberantes e roliços.

Um homem com uma roupa espalhafatosa, agarrado a um cesto de palha com tampa, procura algo; ao encontrar, na classe executiva, o que procurava, inclina-se para Lamís e lhe dá um cutucão no braço:

— Com licença, *mademoiselle*, estou quase ficando maluco. A senhora é árabe, não é? Por favor, será que teria pílulas para dormir ou algum calmante? Por favor, meus nervos estão em frangalhos...

Lamís estendeu a mão e, abrindo o zíper da bolsa, chegou até a caixa de calmantes que ali repousavam tranquilos; enquanto isso, se perguntava como aquele homem do cesto sabia que ela tomava essas pílulas.

— Muito obrigado, muito obrigado. Deus enviou a senhora para me salvar — disse ele.

Amira, cujo choro já estava amainando, olhou para os dois e se sentou finalmente, clamando o perdão de Deus e jurando arrependimento pelas imprecações.

Lamís lhe ofereceu um calmante, mas Amira, balançando seus peixinhos, disparou:

— Não, não! *Auzubillah!* Deus me livre de acontecer alguma coisa de novo e eu estar ferrada no sono... Que Deus não permita isso!

— *Mademoiselle, mademoiselle*, vou lhe revelar um segredo, mas, por favor, jure que não vai contar a ninguém... jure que não vai me denunciar. Ah, me perdoe, não precisa jurar, você parece ser uma boa pessoa... é que eu tenho... um macaquinho no cesto.

Ela olhou para o cestinho imaginando como era possível esconder um macaco ali. Não queria se envolver... talvez ele fosse preso. Mas, mesmo assim, esforçou-se e perguntou:

— Ele fugiu?

— Pra onde ele fugiria? Eu amarrei os pés e as mãos dele e levo o cesto junto ao peito feito um emplastro. Preciso dar pro macaquinho uma pílula para dormir. Ele está mordendo a palha do cesto.

— Mas eu já lhe dei pílulas.

— Sim, me deu duas. Meu Deus, não sou louco, muito embora eu pareça estar louco... mas ele não toma as pílulas a menos que eu lhe dê alguma coisa para comer... uma uva ou um chocolate...

— Ah, me desculpe, mas não tenho nada disso comigo. Peça à aeromoça.

— Como vou pedir? Estão todos ocupados, apressados e preocupados com o próprio umbigo! Quem vai me ouvir? Ninguém vai me ajudar nessa.

Não reconhecendo em Lamís nenhuma expressão de que ela, compadecida, pudesse salvá-lo, voltou-se para Amira.

— Com licença, *madam*, por que a senhora parou de chorar? Por gentileza, volte àqueles gritos histéricos e aproveite

para pedir uma fatia de queijo ou pode ser também uma barra de chocolate.

Amira nem deixou o homem terminar e caiu no choro novamente, agitando os pulsos:

— Deus me ajude! Deus me guarde! Minha pressão está caindo... estou tonta... pelo amor de Deus, um pedaço de pão, um queijinho, uma barrinha de chocolate.

Amira foi prontamente atendida pela aeromoça, mas, ao receber seu pedido, se apavorou outra vez, pois acabara de jurar a Deus que seria uma pessoa mais íntegra.

“Mas não seria uma boa ação o que eu fiz?” perguntou a si mesma. “E Deus não recompensa as boas ações?”, completou.

Então Amira entregou ao homem tudo o que a aeromoça havia trazido. Ele agradeceu, beijou as mãos de sua benfeitora e desapareceu em direção ao fundo do avião.

— *Alhamdulillah*, chegamos em segurança — repetiam os passageiros árabes uns para os outros, depois de o piloto anunciar que a aterrissagem no aeroporto de Heathrow ocorreria em quinze minutos.

O homem do Golfo esticou-se na primeira fileira dirigindo-se a Amira:

— *Alhamdulillah*, chegamos em segurança. Confie em Deus sempre. Ele tem poder sobre todas as coisas.

Quando Lamís ouviu a palavra “Heathrow”, pensou em Edward Heath e na área de Hampstead Heath, com suas ladeiras verdes, seus bancos e postes de iluminação. Lembrou-se de Jill Rowe, a professora de seu filho na pré-escola, e na pergunta que havia feito a ela: se o motivo de ela ensinar a canção “Row row row your boat” era porque se parecia com seu sobrenome.

Tudo verdejava, até as rodas-d’água e os rios tendiam para o verde.

Os passageiros árabes espicharam o pescoço para ver e suspiraram maravilhados. Nicholas também suspirou pelo verde londrino. Ele havia se esquecido de quanto sentia falta daquela paisagem que, até então, tratara com tanta indiferença.

Os médicos no Golfo costumavam prescrever o verão da Inglaterra aos pacientes. Toda área verde em Omã sempre foi considerada uma espécie de milagre. A mídia do país filmava tudo que era arbusto florido, como se anunciasse a descoberta de novos poços de petróleo. Nicholas esticou o dedo, parecendo o dedo de Adão que toca o dedo da deusa Londres. Omã começava a se tornar um planeta distante: sentia-se como se nunca tivesse sido atraído pelos socacos de suas montanhas.

O homem do cesto voltou a se aproximar dos assentos de Lamís e de Amira, apesar de todas as advertências da aeromoça, que o seguia enquanto ele falava:

— Me ajudem, eu vou morrer.

Lamís sentiu pena dele:

— Você quer uma terceira pílula?

— Não! Não! Ele está dormindo como uma pedra. O problema sou eu. Estou morrendo de medo de que peguem o macaco e me prendam.

Ele estava todo encolhido e o medo se refletia em seus olhos como se ali pulsasse seu coração.

— Os fiscais da alfândega inglesa checam as pessoas ou as bagagens de mão com raio-x? Será que eu devo afogar o macaco no vaso sanitário ou dizer pra aeromoça que achei ele aqui no avião? — o homem perguntou a Lamís e a Amira.

— Não tenha medo, estou ao seu lado, não tem raio-x. Deixe o avião aterrissar primeiro. Deus nos proteja, Deus nos proteja, eu vou ajudá-lo. Volte pro seu lugar e confie em mim. Quer dizer... confie em Deus! Deus nos proteja.

— Só um momento, madame, a senhora conhece um restaurante chamado Tabbula?

— O da avenida Edgware? Sim. Fica a alguns passos da minha casa.

Amira cumpriu sua promessa. Assim que deixou o avião, acompanhou Lamís. O homem do cesto, que se chamava Samir, seguiu junto com elas, empurrando um carrinho com duas malas sobre as quais o cesto com o macaco foi despreziosamente colocado. E quando Samir começava a grudar nela, Amira cantarolava para ele: “Deixe-me... deixe-me sonhar, deixe-me”, e então o distraía dizendo:

— Olha só, todos estão adorando a sua roupa!

Ele examinou atentamente a camisa Versace, as botas de caubói, o casaco grosso, bem maior do que seu número, e uma enorme echarpe colorida. Então Amira perguntou a Samir:

— Tem certeza de que você não é o Klinger, do seriado *Mash*?

Com sua cara comprida, Samir riu de Amira e isso evidenciou ainda mais o longo nariz, as grandes costeletas e os cabelos crespos, que, com certeza, haviam sido alisados.

— Sou parecido com o ator, sim; ele é libanês, como eu, madame.

O motorista do táxi estava à espera. Exibia uma plaquinha com o nome: Amira Faiz. Quando Amira viu que era uma minivan, começou a insultar o motorista. Em seguida, olhou à sua volta, procurando o homem do Golfo e seu sobrinho. Não os viu. Por fim, pediu que Lamís a acompanhasse.

Lamís sentia-se aliviada e contente, pois não estaria sozinha ao chegar a Londres. Ajeitando melhor os óculos, Amira avistou o rapaz inglês que, em tom sincero e amistoso, tinha tentado acalmá-la. Chamou-o.